

OS CAMINHOS DA ARTE, CULTURA E IDENTIDADE ÉTNICA NA ESCOLA

WAYS OF ART, CULTURE AND ETHNIC IDENTITY AT SCHOOL

MARIANA DA SILVA

Mestranda em Educação pela Universidade Regional de Blumenau (FURB)

Professora da Escola Básica Municipal Professor Lauro Müller

mariana.encina@gmail.com

RESUMO

Este artigo é o relato de uma experiência realizada com a turma do 4º ano B da Escola Básica Municipal Professor Lauro Müller no mês de abril de 2010. Procurou-se integrar as disciplinas de ensino, fazendo da arte e da cultura uma ponte entre a educação e o conhecimento. O objetivo do projeto é conscientizar os alunos sobre a valorização da cultura dos índios dentro da cultura brasileira atual e fazer com que os alunos reflitam sobre questões que dizem respeito às diferenças étnicas; levando-os a compreenderem a importância da valorização das diversidades culturais para o bom relacionamento dentro do meio social a que pertencem. A valorização da cultura Brasileira, da arte e dos saberes dos povos que deram origem a identidade, a cultura e as raízes do povo brasileiro.

Palavras-chave: Brincadeiras. Identidade Étnica. Cultura. Diversidade.

ABSTRACT

This paper is the report about a realized experience with the 4th grade class at Lauro Müller municipal school in April, 2010. It tried to integrate the subjects, doing art and culture a link between education and knowledge. The project aim is to aware the pupils about valorization of Indians culture into Brazilian culture and doing them think on questions related to ethnic, differences, and to understand the importance of the valorization about cultural diversities to a good relationship in the social mean where they belong to. The valorization of Brazilian culture, art and people knowledge gave us our identity, our culture and our origin.

Key-words: Jokes. Ethnic identity. Culture. Diversity.

1 INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é pesquisar as atividades escolares programadas para o mês do índio, dentro de uma proposta intercultural, na qual se procura valorizar a arte e a cultura de todos os povos indígenas, proporcionando conhecimento do assunto, integrando-o aos demais conhecimentos desenvolvidos e produzidos no cotidiano escolar das disciplinas afins.

A proposta do trabalho foi de desenvolver a pesquisa e curiosidade científica dos alunos da turma do 4º ano B da Escola Básica Municipal Lauro Müller, da rede municipal de ensino de Blumenau – SC. O problema proposto é o de apontar os caminhos de uma proposta intercultural em sala de aula, conhecendo a arte e a cultura dos povos.

A relevância desta prática se dá num momento histórico em que a arte e a cultura dos povos indígenas vêm abrindo espaços dentro das escolas da rede municipal de ensino; e a valorização de todas as culturas vem sendo discutida por educadores preocupados com as questões de identidade étnica e cultural, proporcionando aos alunos atividades que valorizem a interculturalidade nas disciplinas escolares.

2 A CULTURA E A INTERCULTURALIDADE NOS ESPAÇOS ESCOLARES

Para trabalhar os caminhos da arte e da cultura em sala de aula, é necessário saber da sua importância e conhecer o estudo daquilo que vem a ser este universo em nível cultural e intercultural, que proporcione as relações étnicas em favor do crescimento de todos na unidade escolar. Diante de tantas mudanças ocorridas em determinados grupos sociais devido aos processos civilizatórios, que aconteceram e vem ocorrendo desde a conquista da América, e diante das políticas econômicas, tem-se o desafio de compreender a cultura para perceber o processo de interculturalidade que desencadeia a identidade da comunidade escolar. A escola está diante de um embate que servirá como elemento para viabilizar a construção e a revitalização da cultura de sua comunidade.

Para promover a dimensão intercultural nas práticas educativas, será necessário que a instituição escolar promova condições para troca e reciprocidade, reconhecendo o outro com sua cultura, tornando a todos conscientes de sua própria cultura. Fleuri (1998, p. 9), ao tratar das questões de interculturalidade em unidades de ensino, chama atenção para os desafios das instituições educativas no processo de globalização econômica do mundo atual.

A escola se coloca, assim, diante de ao menos duas ordens de problemas. Uma se refere à necessidade de se construir no âmbito institucional instrumentos e estratégias de integração emancipatória entre diferentes sujeitos, assim como de promover processos criativos de mediação entre os contextos sociais e culturais a que pertencem. Outra consiste no desafio de se estabelecer canais e dinâmicas de interação da escola com as forças sociais vivas, tais como os movimentos sociais, que compõem uma rede diferenciada e conflitiva de processos organizativos coletivos que mobilizam transformações significativas no mundo atual.

Diante disso, o autor coloca a escola e a educação para a interculturalidade frente ao valor da convivência, buscando promover atitudes abertas ao confronto, promovendo a integração entre as culturas sem submeter umas às outras. Na perspectiva de resgatar e valorizar a cultura recebida dos indígenas (Xoklengs, Kaingang e Guaranis), percebe-se a necessidade de um estudo sobre estes povos, visando conhecer e compreender quais são os aspectos culturais que se fazem presentes.

Acredita-se que é importante recordar do processo de aculturação pelo qual passaram esses índios. É preciso buscar sua identidade cultural a partir da compreensão da interculturalidade que envolve o cotidiano escolar, resgatando sua cultura, reconhecendo-a e valorizando-a, a fim de que se possa - diante da identidade histórica - perceber e compreender o outro, estabelecendo uma relação de reciprocidade.

Há algum tempo, busca-se abarcar conhecimentos do que vem a ser cultura, interculturalidade e multiculturalismo, para promover um trabalho que, de fato, contemple as culturas plurais que fazem parte do nosso cotidiano escolar. Para conceituar cultura, poder-se-ia partir de conceitos já construídos como: *cultivar o solo*, *cuidar* originário do latim; ou *práticas e ações sociais que seguem um padrão determinado no espaço oriundo* da Antropologia. Este último refere-se a crenças, comportamentos, valores, instituições, regras morais que permeiam e identificam uma sociedade; explicam e dão sentido à cosmologia social; conferem identidade própria a um grupo humano em dado território num determinado período. Neste artigo, porém, a proposta é escrever sobre que se percebeu como cultura ao longo da caminhada desta pesquisa e leitura.

Cultura é o conjunto das construções, das idiosincrasias de todas as pessoas de um grupo social e humano, podendo se transformar conforme as mudanças do próprio grupo. A cultura abrange os valores; a maneira de pensar; o jeito de vestir; de se comportar, alimentar, falar; o cotidiano; o espaço de tempo; o lugar; as lendas; o folclore; a poesia; a música; a arte; enfim, tudo aquilo que permeia a historicização de um povo, de um grupo humano. A cultura nunca será algo acabado, pois ela se molda aos saberes do grupo que, como se sabe, evoluem

a cada dia. A cultura se constrói através de aprendizados, assim como quando se monta uma peça teatral, na qual todos os integrantes preparam a cena e o cenário: constroem uma história a partir de seu cotidiano, que será contada/encanada/vivenciada pelos atores; confeccionam figurinos para as personagens, levando em conta o ambiente, o tempo e lugar onde a história ocorre.

2.1 PESQUISAS SOBRE CULTURA JUNTO AOS POVOS DA PATAGÔNIA ARGENTINA E DO SUL DO CHILE

Também se pode pensar em cultura como o momento em que determinada comunidade se junta para preparar o alimento típico de uma região. Da mesma forma que a construção teatral, as comidas típicas, as danças tradicionais e as festas folclóricas se adaptam, mesclam-se com outras culturas, incorporando elementos de povos que se intercambiam. Nesse processo de interculturalidade, a cultura vai se construindo, modificando-se, adaptando-se às mudanças de lugar, aos saberes e às vivências dos que a vivenciam, todavia, a cultura nunca estará acabada, ela vai evoluindo conforme a cosmovisão de mundo de cada grupo social.

As cerimônias religiosas e ritos de passagem da vida para a morte, que ocorrem em alguns grupos humanos, são parte da cultura e também da cosmovisão de determinados povos. A religião e a cultura estão unidas e vão se moldando de acordo com a cosmovisão de mundo de determinado grupo, o qual vai se adaptando a outras culturas com as quais interagem. Por isso, muitas vezes, torna-se difícil o resgate da cultura de povos que, há muitos anos, vivem aculturados.

O preparo de um alimento, em certos grupos humanos, passa por processos culturais, sendo que, em algumas oportunidades, estes se organizam na coletividade para preparar o alimento e, outras vezes, consistem em rituais nos quais as gerações mais velhas transmitem seus conhecimentos às mais novas.

Na Patagônia, região localizada no sul da Argentina, especificamente na Província de Vila Regina, esta pesquisadora pode observar a organização da comunidade para preparar determinado alimento: dos avôs às crianças, todos se mobilizam para preparar as empanadas (comida típica da região). As avós preparam o recheio feito de carne moída com temperos; as filhas, com ajuda das crianças menores, preparam a massa, parecida com uma massa para pão, abrem, cortam, colocam o recheio e adornam; para serem fritas pelos homens e rapazes em

uma frigideira ao ar livre. Todos se organizam, de acordo com seu tempo e suas possibilidades, para realizar tal tarefa, na qual se observa significativa transmissão de cultura entre gerações. Depois de concluído o trabalho e de todos se terem alimentado, as empanadas restantes são divididas entre as famílias: cada um leva uma porção para compartilhar com seus familiares.

Esta comunidade, formada por argentinos e chilenos, na passagem do último dia do ano e na espera pelo ano novo, reúne-se para transformar e transmitir sua cultura. Povo sábio, pois a própria organização da vida diária está arraigada de cultura e cosmovisão. Para sua sobrevivência, retiram a água do solo com apenas um cano e um motor, o qual bombeia a água para suas casas de um lençol subterrâneo, tornando-a utilitária para sua sobrevivência e economia.

Nesta comunidade da Província de Vila Regina, observa-se a coletividade e a alegria no preparo da ceia de ano novo, a união de todos neste momento tão especial. Trata-se de um ritual de celebração, no qual todos se organizam e cada um: contribui com sua parte de alimento e bebida para a ceia, usa a melhor roupa, perfuma-se e reúne-se com os demais até a meia noite, quando todos brindam e se abraçam, um a um, circulando a mesa e desejando *bendições* uns aos outros, para que o ano que se inicia seja próspero para todos. Em seguida, dançam e realizam uma bonita festa. Ressalta-se que a união entre eles passa a impressão de que se trata de uma só família, uma grande família.

Ainda no sul da Argentina, na região da Patagônia, especificamente na Província de Neuquén, na qual se cultivam árvores frutíferas, conhece-se alguns povos *mapuches* e conversou-se sobre sua arte, cultura e cosmovisão de mundo. Os *mapuches*, ou *gente da terra* como se denominam, eram nômades antes da conquista do deserto, além do espanhol falam o idioma *mapudungun*, o qual procuram preservar. Sua arte e sua cultura têm relação com a natureza, sua vida gira em torno do que é a Mãe Terra. Eles também possuem cerimônias. Uma das mais importantes é o *Guillatún* ou *Nguillatún*, na qual agradecem à Mãe Terra por tudo o que provê ao homem e lhe pedem benevolência em tempos difíceis. Utilizam-se de instrumentos musicais típicos para realizar a cerimônia. Sua alimentação é preparada com base no que obtêm das colheitas. Estes povos se dedicam à criação de ovelhas, chivos, gado e alguns trabalham na colheita de pinhões e frutas.

Passando da região da Patagônia Argentina para o Sul do Chile, especificamente para região de Temuco, na região da Araucania, também se compartilhou com povos de origem *mapuche*, os quais falam o *mapudungun*, além do Castelhana. Segundo eles, procuram

preservar e divulgar seu idioma e sua cultura. Em alguns lugares, comercializam dicionário de bolso com as principais palavras do *mapudungun* e livrinhos de bolso com ditos populares e folclore deste povo. Em uma feira local também são vendidos seus artesanatos. Eles procuram participar de mostras de cultura *mapuche* junto a universidades, buscando se aproximar de outras culturas e conquistar o respeito a sua cultura e a diversidade cultural do povo chileno.

Estes povos *mapuches* também expressam suas canções nas épocas de colheitas, para se despedirem dos mortos e para homenagear o vento. São muitas as suas manifestações. Contam que é através do canto que falam com o idioma da terra e com os sons dela. Para isto, utilizam-se de instrumentos musicais rústicos, um deles é o *kultrún* que é considerado um tambor xamanico. De acordo com eles, representa o cosmos dividido em quatro partes, as quais representam o mundo, os pontos cardeais, o vento e o ciclo da vida, possui a cor azul do céu e desenhos do sol e da lua, pois está vinculado com o que é cósmico. Dizem eles, que o *kultrún* é utilizado por uma *machi*¹ nos rituais de curas medicinais e nos rituais sagrados em cerimônias xamanicas. Outro instrumento utilizado é a *pifulka*, uma flauta cujo som, segundo sua cosmovisão, os reunirá com seu deus. Estes *mapuches* utilizam seu traje *mapuche* com muito orgulho e passeiam nos centros da cidade de Temuco. É uma vestimenta que caracteriza seu povo e os distingue dos demais moradores da região.

Ainda no sul do Chile, esta pesquisadora pode aprender um pouco mais do que se compreende por cultura para aquele povo e aquela gente. Eles acreditam que os povos indígenas possuem suas raízes na mãe terra, que se tornam um com ela e, para protegê-la, realizam seus rituais, os quais fazem com que pessoas alheias às suas terras se afastem delas. Contou um morador da nona região do Chile que, em certa noite, ele e alguns amigos foram acampar próximo a um território indígena. À noite, estavam dormindo quando ouviram o barulho de uma cavalaria. O som foi aumentando, então todos saíram de suas barracas, pois acreditaram que os cavalos estivessem bem próximos e iriam passar por eles. Todos ficaram parados, olhando na direção da qual vinha o barulho, porém, sentiram como se os cavalos passassem ao lado deles e fossem se afastando, diminuindo cada vez mais o barulho, porém, não viram nenhum cavalo. Apenas sentiram o tiritar do chão.

Em suma, compreende-se que a cultura se constrói através de aprendizados. Assim como na montagem de uma peça teatral. Todos integrantes participam: a partir de seu cotidiano, constroem a história a ser contada, vivenciada pelos atores, preparam o cenário, a cena e confeccionam figurinos condizentes com o personagem, o ambiente, o tempo e lugar onde a história se desenrola.

Para refletir a dimensão intercultural nas práticas educativas, será necessário que a instituição escolar promova condições para troca e reciprocidade, nas quais um reconheça o outro com sua cultura, tornando-se consciente de sua própria cultura. Para Fleuri (1998, p. 9):

a busca de criar contextos educativos que favoreçam a integração criativa e cooperativa de diferentes sujeitos, assim como a relação entre os seus contextos sociais e culturais, constitui o horizonte da educação intercultural, que vem sendo recentemente tematizada e elaborada por muitos pesquisadores e educadores.

No livro *Cultura: um conceito antropológico*, Roque de Barros Laraia relata que os homens têm princípios práticos opostos de cultura, conforme segue:

Quem investigar cuidadosamente a história da humanidade, examinar por toda a parte as várias tribos de homens e com indiferença observar as suas ações, será capaz de convencer-se de que raramente há princípios de moralidade para serem designados, ou regra de virtude para ser considerada [...] Que não seja, em alguma parte ou outra, menosprezado e condenado pela moda geral de todas as sociedades de homens, governadas por opiniões práticas e regras de condutas bem contrárias uma às outras (LARAIA, 2009, p. 26).

Das palavras do autor pode-se compreender que cada cultura vê com lentes diferentes os processos culturais, acreditando que aquilo que “vê” e percebe como sua cultura é a melhor cultura. O preparo de um alimento, em certos grupos humanos, passa por processos culturais, sendo que em algumas oportunidades, estes grupos se organizam na coletividade para preparar o alimento e, em outras vezes, são como rituais nos quais as gerações mais velhas transmitem os conhecimentos para as gerações mais novas.

Conforme já mencionado anteriormente, em 2009, esta pesquisadora pode observar como determinado grupo de pessoas da Província de Vila Regina, no sul da Argentina, organizava-se para uma festa: os idosos, homens, mulheres, adolescentes e crianças se reuniram para, de forma comunitária, as empanadas (comida típica da região). Por ser uma região de fronteira, as culturas se intercambiam num processo de interculturalidade. Sobre esta pluralidade cultural, Candau (1998, p. 42) propõe:

a interculturalidade orienta processos que têm por base o reconhecimento do direito à diversidade e a luta contra todas as formas de discriminação e desigualdade social e tentam promover relações dialógicas e igualitárias entre pessoas e grupos que pertencem a universos culturais diferentes. Neste sentido, trata-se de um processo permanente, sempre inacabado, marcado por uma deliberada intenção de promover uma relação dialógica e democrática entre as culturas e os grupos envolvidos e não unicamente de uma coexistência pacífica num mesmo território. Esta seria a condição fundamental para qualquer processo ser qualificado de intercultural.

Os educadores precisam perceber o processo de globalização que vem tomando forma e desvencilharem-se de velhos conceitos arraigados no sistema escolar, visando promover uma educação para reflexão, para o conhecimento e crescimento de grupos específicos. É pensando nestas propostas que esta pesquisadora busca incluir em sua prática pedagógica o domínio teórico de renomados educadores como Fleuri (1998, p. 39):

a perspectiva intercultural, de fato, começa somente quando se criam as condições para a troca, quando se estabelece uma relação de reciprocidade, quando, no reconhecer o outro nos tornamos conscientes da nossa própria cultura.

3 OS CAMINHOS PERCORRIDOS EM SALA DE AULA PARA REFLETIR CULTURA

Alunos do 4º ano da Escola Básica Municipal Professor Lauro Müller estudaram, no mês de abril de 2010, questões que levam a refletir sobre a cultura atual dentro das escolas da região de Blumenau, pensando em uma educação intercultural, que busca propostas educativas para formação das sociedades presentes e futuras.

Após reflexões sobre os quadros de Cândido Portinari, os alunos vinham estudando brincadeiras de infância quando encontraram um texto com o título *As Brincadeiras*. Logo perceberam que se tratava de brincadeiras de infância da tribo dos índios *Wari*². Curiosos, os alunos iniciaram a leitura e perceberam diferenças entre as brincadeiras das crianças que vivem na cidade e daquelas que vivem em uma aldeia ou reserva indígena.

Com orientação desta professora, fizeram uma relação das brincadeiras que mais gostam, para refletir sobre a própria identidade. Os meninos e as meninas gostam de brincar de futebol, de videogame, jogos no computador, *chatear* na internet e outras brincadeiras mais. Então questionaram as diferenças, já que os meninos da tribo *Wari* brincam de flechar peixinhos no rio e as meninas brincam de mamãe cuidando dos bebês de suas mães ou tias.

Começaram a perceber que as brincadeiras das crianças da cidade diferem e muito das brincadeiras das crianças indígenas. Pois, para pegar uma canoa e remar até certa altura do rio, é necessária uma cultura de empatia com o rio. Surgiu a palavra cultura e passou-se a pesquisar no dicionário alguns conceitos que se tornaram importantes diante do universo que se estava estudando.

Os alunos gostam muito do uso do dicionário em sala de aula, é muito divertido, pois cada um encontra a palavra e já quer ler o significado para a classe. As palavras pesquisadas

foram: sujeito, cultura, aculturado, identidade, etnia, diversidade, pacificação e civilização, sendo que brincadeiras e responsabilidades eles já haviam definido. Perceberam os significados no sentido da língua portuguesa.

Buscou-se, então, relacionar palavras do vocabulário cotidiano oriundas da cultura indígena. A aluna Laura já havia feito uma relação de palavras em casa, com seus familiares, e nos algumas palavras que a Língua Portuguesa herdou dos indígenas. Nesse processo, os alunos compreenderam a importância de valorizar as línguas indígenas presentes no território. Após esta pesquisa, apresentou-se aos alunos as revistas *Porantim* e *Mensageiro*, que tratam da situação de indígenas no Brasil. Os alunos identificaram os problemas e expuseram a seus colegas. Dentre os problemas, citaram os relacionados à língua, cultura, saúde, educação e território.

A aluna Laura citou o CIMI e a FUNAI como organizações responsáveis pelas causas indígenas no Brasil. Soube dizer o que significava cada uma das siglas, CIMI (Conselho Indigenista Missionário) e FUNAI (Fundação Nacional do Índio), o que não surpreendeu, pois se sabia que ela tem maior acesso à leitura e sempre traz muitas notícias e informações.

Os alunos conheceram, então, alguns dos cadernos do COMIM (Conselho de Missão entre Índios) e tomaram conhecimento de alguns costumes dos povos *Xoklengs* e *Guaranis*; suas principais fontes de alimentação, frutas, preparo de alimentos, cuidados com a saúde, chás que utilizam e sua arte. Os alunos perceberam que também têm aspectos culturais nos próprios costumes. Observaram que, nos livros, tinham algumas lendas que podiam ler. Posteriormente a turma pesquisou outras lendas, e esta professora contou-lhes a história da índia *Koricran*, que foi adotada pelo Dr. Hugo Gensch de Blumenau. Em 1908 o Dr. Hugo escreveu um livro contando sua experiência com a educação de *Koricran*. Isso ajudou os alunos a compreenderem a importância da boa relação com as culturas circundantes.

Os alunos escolheram, leram, e representaram em forma de teatros algumas lendas indígenas, as que eles mais gostaram foram a lenda do *Kuarup*³ e a "lenda de como nasceram as estrelas". Pediram para representar novamente, pois ainda não haviam feito teatro na escola. Gostaram muito!

Posteriormente, decididos a defender a cultura indígena como parte de suas raízes culturais, pesquisaram os direitos dos povos indígenas, trabalharam a leitura e a compreensão de cinco artigos. Escolheram os artigos que tratam sobre a educação das crianças indígenas e procuraram representar estes artigos com gravuras, imagens e desenhos.

No dia 20 de abril de 2010, levou-se a turma ao observatório de Brusque. Eles puderam apreciar uma palestra e obter mais conhecimentos sobre o universo, os planetas e as estrelas, e aprender que cada uma tem sua cor e que há diferença na idade das estrelas. Em sala de aula, compartilharam com os colegas o que mais tinham gostado do passeio. Eles gostaram muito de aprender que uma estrela jovem é azul, uma estrela adulta é amarela, a estrela velha é vermelha e que, quando explode, a estrela faz um buraco negro no infinito.

Eles também puderam tirar dúvidas sobre os povos mais antigos da humanidade, compreender por que os indígenas utilizavam as lendas para explicar os fatos e acontecimentos da natureza. Além disso, foram lembrados de que o homem não tem o direito de destruir o meio ambiente, sabendo que as gerações futuras precisam de um lugar para viver; que o homem “civilizado” não poderá viver fora do planeta enquanto não souber respeitar este planeta, os seres que vivem nele e os próprios homens.

A turma também visitou o Zoobotânico, parou para lanchar, depois seguiu com o passeio para observar a diversidade de espécies que havia ali. Os alunos, muito espertos, registraram várias cenas dos animais com suas câmeras digitais. Concluíram que são todas espécies diferentes e que devem ser preservadas com máximo valor e respeito, para não entrarem em extinção.

Ligaram à situação dos homens, que também são diferentes e que, justamente por isso, cada um deve ser respeitado e valorizado. A turma é composta por alunos de diferentes etnias como, por exemplo, Neri que tem uma tia de descendência indígena; Júlia de origem Alemã; Stefanny com raízes do povo africano. Todos são diferentes, porém, sua identidade é brasileira e, por consequência, pertencem a esta cultura, a qual, cada vez, adquire mais traços de diversas etnias. Assim, é preciso valorizar e preservar todas as culturas em suas diferenças, compreendendo que todas são importantes e tem igual valor.

Os alunos também estudaram a artista Tarsila do Amaral, observaram gravuras das suas telas e, dentre elas, a figura do *Abaporu*. Questionaram, então, sobre o nome do quadro. Investigaram e descobriram que significa *antropófago* na língua indígena. Mas o que é antropófago? Questionaram. Procuraram no dicionário e encontram o significado: que come carne humana. Mas eles não comem carne humana disseram alguns alunos. Investigaram um pouco mais e encontraram o significado de outra palavra: *antropofágico*, que foi o movimento que refletia o pensamento de intelectuais brasileiros da época em que Tarsila pintou o *Abaporu*, pois os artistas não queriam seguir as regras do mundo Europeu. Os modernistas brasileiros queriam metaforicamente *devorar os colonizadores*, mostrando-lhes a uma identidade própria do Brasil. - Agora sim, faz sentido! Falaram os alunos.

Os alunos estudaram a poesia *O antropófago*, da poetisa Fátima Miguez, que faz a conscientização do sentido do quadro pintado por Tarsila. Esta professora contou-lhes que tem uma sobrinha com este nome porque a família admira muito a artista e suas obras, que refletem a identidade e a cidadania da Nação Brasileira. Esta primeira etapa de construções com Tarsila está apenas começando. Há muito a pesquisar para elaborar conceitos e enriquecer conhecimentos do cotidiano em sala de aula.

No próximo mês, serão contadas as experiências de sala com uma viagem ao mundo de Tarsila e atividades de ensino e educação, as quais estão sendo construídas e integradas aos conhecimentos.

5 CONCLUSÃO

Pode-se concluir que a aprendizagem em sala de aula torna-se mais significativa quando os alunos se envolvem com os conhecimentos que estão sendo desenvolvidos nas aulas. O envolvimento e a atuação dos alunos nas diversas atividades propostas em sala levam a concluir que o tempo das disciplinas é valorizado na medida em que se integra determinados assuntos e estes vão sendo assimilados pelos alunos, sem precisar qual disciplina está sendo trabalhada. A valorização das etnias e das diversidades culturais é de grande importância para atuar em sala de aula despido de preconceitos, pois, assim, os alunos podem se conscientizar do valor de todas as culturas incluídas no processo de globalização em que se encontra a sociedade atual.

NOTAS

¹ Machi: curandeira ou *xamana*, é a ponte da comunidade com o mundo sobrenatural. Conhecedora do uso das plantas medicinais e da arte da adivinhação. Ela tem um papel de destaque nas cerimônias comunitárias.

² Os Wari constituem um dos poucos remanescentes da família linguística *Txapakura*, dado que a maior parte dos falantes de línguas dessa família encontrava-se extinta já no início do século XX.

³ Kuarup: é um ritual de homenagem aos mortos ilustres celebrado pelos povos indígenas da região do Xingu, no Brasil. O rito é centrado na figura de Mawutzinin, o demiurgo e primeiro homem do mundo da sua mitologia. *Kuarup* também é o nome de uma madeira. Em sua origem o Quarup teria sido um rito que objetivava trazer os mortos de novo à vida.

REFERÊNCIAS

CANDAU, Vera Maria. *Sociedade, educação e cultura(s): questões e propostas*. Petrópolis: Vozes, 2002.

FLEURI, Reinaldo Matias. *Interculturalidade e movimentos sociais*. Florianópolis: Mover, NUP, 1998.

LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

MIGUEZ, Fátima. *Paisagens brasileiras*. São Paulo: Difusão Cultural do Livro, 2003.

CONKLIN, Beth; VILLAÇA, Aparecida. *Wari*. Disponível em: <http://pib.socioambiental.org/pt/povo/wari/print>. Acesso em: abril 2010.

QUARUP. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki> Acesso em: abril 2010.